

**“UNS A GENTE AJUDA, OUTROS AJUDAM A GENTE”: NOTAS
ETNOGRÁFICAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DE LAÇOS SOCIAIS ENTRE
POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA / PELOTAS, RS.**

LEMÕES DA SILVA, Tiago¹

¹ Mestrando em Ciências Sociais (UFPel) / tiagoufpel@yahoo.com.br

MAGNI, Cláudia Turra²

² Professora de Antropologia (UFPel) / clauturra @yahoo.com.br

*A rua é perigosa, lugar da vigilância inescapável, mas também do prato farto e variado, da camaradagem no infortúnio, da reconquista de novas sociabilidades, da intensificação da experiência humana [...]
(Delma Pessanha Neves, 1999).*

1. INTRODUÇÃO

Este estudo antropológico dedica-se à análise das relações e vínculos que os sujeitos essencializados enquanto “pessoas em situação de rua” constroem no circuito de ocupação e apropriação do espaço público central de Pelotas. A investigação busca apreender os sentidos do viver *na* e *da* rua para além da noção de exclusão social, principalmente a acepção que pressupõe rupturas de vínculos familiares, morais e de reciprocidade, desenroladas a partir do desligamento com o universo do trabalho formal. Enquanto a dimensão macrossocial desloca estes atores ao plano da solidão, da vulnerabilidade, da ausência de perspectivas e de projetos a longo prazo, a investida empírica desvela novas formas de perceber estes sujeitos, descortinando um protagonismo, ao invés de mera passividade ante uma sociedade extremamente desigual na distribuição de renda e de direitos, abrindo espaço para a identificação de novos vínculos e mesmo da necessidade de criar e recriar redes de interconhecimento para, no espaço público, adquirir saberes, trocas de informações, circunscrever territórios, inventar atividades rentáveis e manipular representações e estigmas ancorando-se em constantes reterritorializações que ultrapassam meros agenciamentos utilitaristas de estratégias de sobrevivência.

As considerações aqui construídas abarcam dados de pesquisa obtidos desde 2008, quando da redação de monografia para conclusão de Curso em História, defendida em janeiro de 2010. Nesta primeira experiência, a relação entre um grupo católico carismático e indivíduos “pobres carentes”, por intermédio da ação caritativa, já pontuava a construção de espaços de sociabilidades e de atualização das relações - tanto entre doadores e beneficiários, quanto somente entre estes últimos.

No pensamento religioso que permeia a lógica de ação dos fiéis carismáticos, a doação de comida comporta escopos de evangelização, de pregação da palavra cristã e, primordialmente, de renovação e transformação individual dos homens e

mulheres, os quais dirigem seus atos caritativos, o que denota uma centralidade surpreendente destes “excluídos socialmente”, a despeito de objeções que os colocam fora da construção de uma sociedade que, paradoxalmente, conforma segmentos que necessitam e investem neste contingente para alimentar uma fé, uma compaixão e um ensinamento secular através de gestos de ajuda ao próximo (LEMÕES DA SILVA, 2010).

Na continuidade da pesquisa, o universo se amplia para um circuito de doação alimentar na cidade e a discussão se desloca para as formas como se tecem, se rompem e se renovam laços que aproximam grupos distintos no universo citadino, considerando que “investir no conhecimento de relações que vão sendo tecidas neste espaço público urbano é construir uma perspectiva especial de compreensão da vida social que aí se sedimenta” (NEVES, 1999 p.114).

2. METODOLOGIA

O método etnográfico se impõe de maneira fundamental nesta pesquisa. Observações participantes, entrevistas semi-estruturadas, conversas informais e situações relevantes registradas em diário de campo dão o tom para a apreensão da forma como os interlocutores aproximam-se, afastam-se e constroem contextos múltiplos de interação. A lógica das indicações de pessoas a serem entrevistadas delineou a rede de relacionamento e vinculação dos sujeitos, dando acesso, também, ao circuito de doação alimentar na cidade, propulsor de focos de sociabilidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sem escolaridade ou com precariedade educacional, sem experiência formal de trabalho, sem documentos, sem família, sem amigos, faminto, quase bárbaro, frágil, comensal do lixo, revirador de dejetos, impuro, indigno, devasso, perigoso, desnecessário, sem rumo, necessitado que clama por ajuda. São inúmeros os adjetivos que entrecruzam representações sobre esse Outro que faz da rua um campo de negociações, usos e interesses, invertendo ou desviando o compromisso de residência e sedentarismo característico de uma modernidade que, conforme Maffesoli (2001), deseja tudo ordenar, codificar, identificar, repudiando o que foge às suas garras e o que inventa novos territórios de existência.

Pensar além de uma fratura relacional é adentrar no mundo da inventividade destes atores rumo à edificação de uma rede de apoio e alianças. O circuito de relações mais visivelmente emergente é aquele ancorado nos espaços de doação, onde os vínculos se fortalecem seguindo uma negociação, ou melhor, uma verdadeira interface permeada por reciprocidades. Em relação aos religiosos doadores, os beneficiários se permitem ouvir sermões, conselhos, participar de rituais de oração¹, comer e vestir-se “como gente”, ajudar na limpeza e higienização de utensílios alimentares, recebendo em troca alimentação, vestuário e, principalmente, um território onde lhes é possível reencontrar amigos, familiares, conhecer gente nova, intercambiar bens materiais e simbólicos, enfim, um lugar

¹ Em ocasiões de oração, durante a marcação do sinal da cruz, foi possível perceber alguns partícipes beijando discretamente pequenas imagens de divindades afro-brasileiras penduradas em cordões no pescoço e escondidas por debaixo da roupa.

antropológico, existencial em termos identitários, relacionais e históricos (AUGÉ, 2005).

Além desse universo institucionalizado de doação, que representa e possibilita um alargamento de interlocuções na cidade, emergem aproximações assentadas em afinidades mútuas cultivadas ao longo dos anos de vivência nas ruas. Há interlocutores que se conhecem desde a infância, quando mergulharam no desafio da vida nas ruas, e que mantêm relação de ajuda. Jovens que, embora tenham vivido longos anos sem residência fixa ou na intermitência entre a casa de parentes e a rua, e ainda que exerçam todas as atividades laborais neste meio – guarda de carros, coleta de material reciclável, limpeza de pátios, servente de obras – dividem aluguel com um grupo maior de pessoas, inclusive com famílias constituídas. Na convivência diária, todos devem exercer alguma atividade para poder dormir e comer na residência. Um deles, com 25 anos de idade e desde os 12 fora de casa, relata que “ajuda numa loja de 1,99”, exercendo as mais variadas funções, pagando contas, descarregando mercadorias, lavando carros, etc.. Dos proprietários, ele recebe comida garantida todos os dias, algum dinheiro e confiança, lhe sendo possível adentrar no interior da loja quando bem entender e ali ficar “pensando na vida” o tempo que necessitar. Depois disso, é locomovido de carro para casa ou lhe deixam no próximo ponto, onde a janta lhe é garantida após a lavagem dos automóveis dos donos do restaurante.

Outro caso emblemático envolve três amigos que residiam em automóvel abandonado na periferia de Pelotas e recebiam dos vizinhos alguns gêneros alimentícios. Apesar de estarem em faixa etária distinta (27, 33 e 52), dedicavam-se a atividades diárias de coleta de material reciclável e guarda de carros para assegurar a alimentação e o consumo de cigarros e bebidas – veículos de socialização na rua - sempre partilhados entre os três.

Essas relações cultivadas ao longo da experiência de rua, também são visíveis nos locais de doação alimentar: enquanto um amigo cuida o ponto² de guarda de carros, outro companheiro, deslocando-se até o local de doação, pede ao doador que armazene a comida em algum recipiente – geralmente em caixas de leite improvisadas – para que o colega, impossibilitado de abandonar seu ponto em função do grande número de carros estacionados, possa também comer.

O aprofundamento do vínculo ocorre quando este, por exemplo, envolve relação de apadrinhamento: é o caso de um casal com filho cuja madrinha de batismo é a coordenadora do grupo carismático. Nesse caso, a relação da família com a doadora sofre um deslocamento semântico deflagrador de uma intimidade mais aguçada entre os envolvidos, arrolando certos privilégios não acessados pelos demais³.

É em torno de uma rede – e essa rede pode ser flutuante, pode aproximar e afastar – que estes homens, mulheres e crianças acionam uma reterritorialização, circunscrevendo um campo de circulação, geralmente um espaço que abarca o nicho da ação caritativa. Os doadores filiados pela via religiosa, atuando de forma não-articulada, funcionam como “elementos catalisadores da formação de vínculos, solidariedade e agregação da população de rua, tanto com as entidades quanto

² Delma Pessanha Neves caracteriza “pontos” como “territórios fechados porque produtos de apropriação reconhecida e assegurada por ameaças ou pela objetivação da violência física (NEVES, 1999 p.129).

³ Numa ocasião, o pai pediu, reservadamente, a madrinha de seu filho, algumas caixas de leite. A interlocutora, não dispondo do suprimento solicitado, coloca discretamente na bolsa do pai de seu afilhado alguns pacotes de biscoito.

entre os moradores” (SCOREL, 2000 p.153). Nesse palco, duas possibilidades se apresentam no que tange à modelação contextual de representações ora incididas sobre eles: ou se exhibe enfaticamente as precariedades, as necessidades, as carências ou enfatiza-se traços sugerindo uma superação de vida que vão desde a aproximação com a família, com o trabalho, até a limpeza das roupas que se está usando ou o cultivo de uma higiene pessoal aceitável. Trata-se de uma artimanha para “reconstruir o consentimento do outro, teatralizando a dependência de sua sobrevivência pela condescendência do estranho” (NEVES, 1999 p.128), sugerindo uma negociação da realidade que busca ajustar a comunicação mínima para que reciprocidades possam daí emergir.

4. CONCLUSÃO

Relativiza-se a visão dominante comumente direcionada à população que habita as ruas, visão que traz em sua essência o estigma da desordem, da incivilidade e da passividade ante a sociedade. O próprio discurso da exclusão social, ao mesmo tempo em que revela sua importância, uma vez que denuncia as tramas da desigualdade social, parece obscurecer toda uma movimentação ativa e instigante articulada pelos ditos “excluídos socialmente”. A carência material não compreende ausência de vínculos, mas reporta para a invenção de novas conexões de interação no meio público e pela construção de sistemas que definem papéis, vinculam e constituem agenciamentos coletivos que exploram a rua como um espaço social possível.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGÉ, Marc. **Não-lugares**. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 2005.
- SCOREL, Sarah. Vivendo de teimosos: moradores de rua da cidade do Rio de Janeiro. In: BURSZTYN, Marcel (org.) **No meio da rua. Nômades, Excluídos e Viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.
- LEMÕES DA SILVA, Tiago. **Comida, Religião e Reciprocidade: uma etnografia sobre os processos de doação alimentar à população em situação de rua**. Monografia de Conclusão de Curso em História. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2010.
- MAFFESOLI, Michel. **Sobre o Nomadismo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- NEVES, Delma Pessanha. Os miseráveis e a ocupação dos espaços públicos. **Caderno CRH**, Salvador, n.30/31, 1999.